



**PRÁTICAS SOCIAIS NA INCUBAÇÃO DE EMPREENDIMENTOS
SOLIDÁRIOS: MEMÓRIA COLETIVA DE CATADORES DE COOPERATIVAS
DE RECICLAGEM**

***SOCIAL PRACTICES IN THE INCUBATION OF SOLIDARY ENTERPRISES:
COLLECTIVE MEMORY OF COLLECTORS OF RECYCLING
COOPERATIVES***

Robinson Henrique Scholz - Universidade La Salle
Caroline Raupp de Oliveira - Universidade La Salle
Cléo Zorzi Montanari - Universidade La Salle
Maria de Lourdes Borges - Universidade La Salle

RESUMO

O estudo tem por objetivo analisar as práticas sociais evidenciadas pela Incubadora de Empreendimentos Solidários da Universidade La Salle por meio da memória coletiva dos catadores das cooperativas de reciclagem incubadas. O trabalho interdisciplinar exercido pelas incubadoras tecnológicas de cooperativas populares no Brasil e os registros da sua memória coletiva são significativos ao fortalecimento das iniciativas populares de empreendimentos de economia solidária, gerando desenvolvimento socioeconômico nos territórios em que atuam. O método empregado é qualitativo e descritivo, com viés etnográfico, tendo a aplicação de 14 entrevistas semiestruturadas e 38 diários de campo registrados pela observação direta entre 2018 e 2019. A análise de conteúdo temática foi empregada na interpretação dos dados. Os resultados apontam para uma melhora da autogestão nas cooperativas incubadas, fortalecimento dos vínculos sociais e ampliação da coleta seletiva realizada pelos catadores cooperados. Além disso, se destaca a importância das práticas de educação popular, diagnóstico participativo e adequação sociotécnica realizada pela incubadora juntamente às cooperativas.

Palavras-chave: Memória coletiva. Incubação de empreendimentos solidários. Economia solidária. Autogestão. Catadores.

ABSTRACT

The study aims to analyze the social practices evidenced by the La Salle University Incubator of Solidary Enterprises through the collective memory of the



collectors of the incubated recycling cooperatives. The interdisciplinary work carried out by the technological incubators of popular cooperatives in Brazil and the records of their collective memory are significant in strengthening popular initiatives of solidarity economy enterprises, generating socioeconomic development in the territories in which they operate. The method employed is qualitative and descriptive, with an ethnographic bias, with the application of 14 semi-structured interviews and 38 field diaries recorded by direct observation between 2018 and 2019. Thematic content analysis was used in the interpretation of the data. Thematic content analysis was used to interpret the data. The results point to an improvement in self-management in the incubated cooperatives, strengthening of social bonds and expansion of the selective collection carried out by the cooperative waste pickers. In addition, the importance of popular education practices, participatory diagnosis and socio-technical adaptation carried out by the incubator together with cooperatives is highlighted.

Key-words: Collective memory. Incubation of solidarity ventures. Solidarity economy. Self-management. Collectors.

1. INTRODUÇÃO

A sociedade está em constante processo de transformação e, com isso, o conhecimento gerado pelas experiências e suas pesquisas, busca elementos que possam contribuir na transdisciplinaridade de seus conceitos sobre as práticas exercidas em sociedade. A procura pela excelência teórica requer olhares distintos e atentos, tendo o rigor metodológico à interpretação da realidade em análise do objeto em tela. Sendo assim, a cada nova pesquisa desenvolvida, é possível trazer uma pequena contribuição ao desenvolvimento do conhecimento já estabelecida, ressignificando-o.

Por esta linha de pensamento, é possível construir chaves analíticas e compreensivas sobre o objeto empírico deste estudo ora expresso neste artigo,



tendo como referência a produção conceitual já produzida - no campo da memória, economia solidária e incubação de empreendimentos solidários - e incorporando novos elementos ao debate. É nesse contexto que este estudo busca projetar suas reflexões e resultados, tendo como campo de investigação as ações desenvolvidas por uma incubadora de empreendimentos econômicos solidários.

A Incubadora de Empreendimentos Solidários da Universidade La Salle, localizada na cidade de Canoas, RS, Brasil, iniciou sua atuação em 2007 como Núcleo de Economia Solidária e, a partir de 2010, se tornou um eixo de atuação do Tecnosocial Unilasalle, fortalecendo os elos assumidos na sua origem, tendo como referência as cadeias produtivas dos segmentos de atuação das áreas de reciclagem, alimentação, artesanato e serviços. Deste modo, ocorre um impulsionamento para a construção de tecnologias sociais, promovendo a atuação sustentável.

Cabe destacar que o objetivo da Incubadora de Empreendimentos Solidários da Universidade La Salle é fortalecer a capacidade empreendedora e a dinâmica de empreendimentos solidários, potencializando sua atuação sustentável e autogestionária nos territórios onde atuam. Inclui a criação e o desenvolvimento de empreendimentos populares e a sistematização da metodologia de incubação dos mesmos, associada a processos de pesquisa e extensão (MATARAZZO; BOEIRA, 2016).

Nesse aspecto, a metodologia de trabalho de incubação utilizada pela incubadora é dividida em três fases: pré incubação, incubação e pós incubação (NUNES, 2009). Para uma melhor contribuição, Moura (2014) apresenta a pré incubação como o estudo de viabilidade econômica do empreendimento, de um plano de trabalho com metas estabelecidas a partir do diálogo entre equipe da



incubadora e o empreendimento. Conforme a mesma autora, na fase de incubação é onde a ação do plano de trabalho é colocado em prática. Contribuindo, Pires (2017) salienta que nesta fase em que acontece a articulação e trocas de saberes dos membros dos empreendimentos incubados e os saberes acadêmicos da equipe da incubadora. Matarazzo e Boeira (2016), apontam o alto grau de complexidade nesta etapa, uma vez que a incubação é sensível às condições socioeconômicas, culturais e existenciais dos atores envolvidos, levando em consideração que são contextos distintos.

A partir do desenvolvimento do trabalho de incubação, no período entre 2018 e 2019, juntamente com os cooperados nas quatro cooperativas de reciclagem de resíduos sólidos urbanos localizadas nos municípios de Canoas, Esteio e Sapucaia do Sul, na Região Metropolitana de Porto Alegre, RS, foram realizados diários de campo, diálogos, reflexões, assessorias técnicas, dinâmicas de grupos e desenvolvimento de mecanismos de gestão, no sentido de poder construir melhores resultados para cada uma das cooperativas. Diante das ações desempenhadas e refletidas com a equipe interdisciplinar da incubadora, conjuntamente com os catadores envolvidos no processo de formação e assessoria, haviam muitas inquietações sobre as práticas sociais desempenhadas pela equipe e que fossem significativas às cooperativas incubadas, no sentido da efetivação da autogestão e no fortalecimento do trabalho e geração de renda, tendo como base os estudos já produzidos no campo da incubação e economia solidária (OLIVEIRA; ADDOR; MAIA, 2018; VERONESE; GAIGER; FERRARINI, 2017, RIGO; FRANÇA FILHO, 2017).

Sob essa perspectiva, emerge o seguinte problema de pesquisa: Como as práticas sociais de incubação de cooperativas de reciclagem são significativas à economia solidária e autogestão pela perspectiva da memória coletiva de



catadores das cooperativas de reciclagem incubadas? Salieta-se que há uma lacuna de pesquisa no que se refere aos estudos sobre memória coletiva nos contextos da economia solidária (GUTIERREZ; BORGES, 2019), despertando o interesse em produzir conhecimento neste contexto.

Para um melhor entendimento, o objetivo geral do estudo é analisar as práticas sociais utilizadas pela Incubadora de Empreendimentos Solidários da Universidade La Salle por meio da memória coletiva dos catadores das cooperativas de reciclagem incubadas.

Este estudo faz parte de uma pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), a qual tem o emprego do método qualitativo e descritivo, tendo como procedimento técnico o viés etnográfico para o desenvolvimento do estudo (GEERTZ, 1973). As técnicas de coleta de dados empregadas são: 14 entrevistas semiestruturadas com os sujeitos envolvidos nos processos de incubação e 38 observações diretas. Para a organização e interpretação dos dados, é utilizada a análise de conteúdo temática (BAUER; GASKELL, 2002).

A seguir, a revisão de literatura utilizada é apresentada, destacando as compreensões sobre memória coletiva, economia solidária e incubação de empreendimentos solidários, sustentando conceitualmente este artigo.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O arcabouço teórico está alicerçado nos conceitos que orientam a memória coletiva (GUTIERREZ; BORGES, 2019; RODRIGUES, 2017; ABREU; 2016; HALBWACHS, 2013), economia solidária (VERONESE, 2016; GAIGER, 2015), incubação de empreendimentos solidários (PIRES, 2017; RIGO;



FRANÇA FILHO, 2017; BORGES; SCHOLZ; CARGNIN, 2015; PITA; LIMA; LIMA, 2015) e cooperativas de reciclagem de resíduos sólidos (BORGES; SCHOLZ; ROSA, 2014). Parte-se do pressuposto que tal construção conceitual interdisciplinar tem potencial para desenvolver o contexto de pesquisa na economia solidária, entendendo os processos de incubação de empreendimentos de catadores de resíduos sólidos como sendo um espaço de troca de saberes acadêmicos e populares, no sentido de projetar soluções de inovação e tecnologia sociais. Cabe aqui destacar que a construção do conhecimento não é de forma linear, por vezes contraditória e não está livre de tensões (KUHN, 1997), uma vez que a ação é democrática e pautada pela autogestão na interrelação entre a incubadora e as cooperativas.

Na perspectiva da memória social, os estudos podem favorecer a compreensão sobre a atuação de uma incubadora, uma vez que a memória não é uma reprodução do passado, mas antes uma elaboração do passado, colocada em marcha dentro de uma relação eu versus outro (ABREU, 2016). Neste mesmo sentido, Lima, Rigo e Santos (2016) definem memória social como a forma que as pessoas expressam suas relações e atitudes sociais, numa representação do passado e construção de saberes através de práticas culturais, ritos, monumentos, entre outras. Neste contexto, ela é uma representação advinda dos saberes do passado, onde escolhas sobre o que lembrar e esquecer estão sempre presentes com uma certa intencionalidade em relação ao futuro (GONDAR, 2016).

Rodrigues (2017), por sua vez, defende que ela é seletiva, pois nem tudo que é importante a um grupo é repassado para gerações futuras. Neste aspecto, a memória social se torna dinâmica e mutável, reformulando e reinterpretando os fatos, promovendo um novo significado e uma nova memória social coletiva.



No mesmo pensamento, Gondar (2016) menciona que a memória social sofre transformações e modificações, ao passo que são transformadas e criadas novas formas de expressão e modos de vivências, ocorrendo leituras distintas em períodos diferentes em que as mesmas emergem (GROSS, 2016).

Sendo assim, para o entendimento dos conceitos de memória, deve-se destacar que a memória social, pode ser descrita, a partir de um dado momento do tempo, em que há uma possibilidade de evidenciar movimentos e ações de um determinado grupo (CORREIA-LIMA; RIGO; SANTOS, 2016), compreendendo a memória coletiva pertencente às pessoas que participam deste grupo (HALBWACHS, 2013). Nesse contexto, se busca uma aproximação com a abordagem chave de memória social, que é a formação de grupos sociais que se organizam a partir da soma de pensamentos oriundos de contextos históricos e se transformam ao longo do tempo no constructo da sociedade (RUSSEL, 2006).

O fenômeno da economia solidária surge nos seus primórdios como uma alternativa de enfrentamento à exclusão do modo capitalista de trabalho (VERONESE, 2016). Com passar do tempo, há o entendimento de que a economia solidária é uma forma de organização autogestionária do trabalho, sendo uma opção de escolha às pessoas que querem desenvolver suas atividades no formato cooperativo e democrático. A economia solidária vem sendo estudada em diferentes formas de organização do trabalho, tais como associações, cooperativas ou grupos informais, podendo ser coletivos de produção de bens, serviços e geração de renda (FERRARINI *et al*, 2018). Para Veronese, Gaiger e Ferrarini (2017), o trabalho coletivo, autogestionário realizada pelos trabalhadores na economia solidária são características marcantes, além dos processos de decisão serem realizados de forma



democrática e participativa, o que a torna diferente do trabalho exercido no capitalismo.

Neste sentido, o conceito de autogestão está relacionado em um contexto de participação coletiva e democrática, proporcionando uma autonomia para que indivíduos se tornem responsáveis por decisões, controles e rumos de um empreendimento (BRAND, 2016). Esse pensamento vai ao encontro do estudo sobre o desafio à autogestão em Borges, Scholz e Rosa (2014, p. 104): "diz respeito à capacidade que os membros de um empreendimento têm de geri-lo com eficiência na ausência de um especialista". Já Costa (2018) aponta que para que ocorra autogestão, é necessário o reconhecimento por parte dos sócios, que todos têm os mesmos direitos e partilham de um projeto em comum e em igualdade de capacidades e condições. De acordo com Gaiger, Ferrarini e Veronese (2018, p. 153) a gestão democrática estimula a participação e "é a forma que mais se adequa à natureza coletiva e igualitária da economia solidária".

Em outro aspecto, a dimensão econômica dos projetos de economia solidária deve conciliar motivação e objetivos comuns para continuação das atividades econômicas, sendo esse o objetivo fundamental e, ao mesmo tempo, para viabilidade dos empreendimentos. Pois, não se trata de caridade, mas de trabalhadores capazes e dispostos a assumir os custos e os riscos inerentes, com capital próprio e sem dependências externas. (GAIGER; FERRARINI; VERONESE, 2018).

Neste sentido em conformidade com Pita, Lima e Lima (2015), o cooperativismo tem um papel importante na economia solidária por suas características próprias, tais como o controle democrático por parte dos membros, o compromisso com a educação dos mesmos, a distribuição de



responsabilidades e resultados. Assim, há sentimentos de pertencimento sobre o negócio e nas decisões coletivas.

Em outra perspectiva, a criação da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES) no Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) em 2003, veio propor a formulação, fomento e execução de programas e projetos em conjunto com as entidades representativas do movimento da economia solidária que apoiaram e mobilizaram suas ações e práticas, com importante atuação das universidades como Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCPs).

Entende-se por incubadora de empreendimentos solidários o processo de reestruturação e melhoria dos empreendimentos cooperativos populares, além do fomento a projetos de pesquisa, extensão universitária e experiências que interligam os saberes populares e científicos (MATARAZZO; BOEIRA, 2016). De acordo com Moura (2014), esse processo vai muito além das atividades e técnicas empregadas ao desenvolvimento do empreendimento econômico solidário incubado, pois ele pode ser uma maneira de compreender e construir uma nova visão de mundo a partir da vivência dos trabalhadores.

Conforme Matarazzo e Boeira (2016), as incubadoras surgem e fazem a conexão necessária com a economia solidária, para que nas suas ações, possam se articular ao papel de organizar e desenvolver os grupos, fazendo com que a universidade tome uma proximidade maior na construção de conhecimento mútuo. Contribuindo, Oliveira, Addor e Maia (2018) destacam que a incubadora incorpora o papel de elo entre os empreendimentos solidários e a universidade, fomentando ambos os setores. Já para Matarazzo e Boeira (2016) o processo de incubação se aproximam a papéis de assessoria. No entanto, conforme os mesmos autores, o aspecto econômico não é o único fator levado



em conta nesse processo devido à abrangência, pois cada grupo tem suas particularidades muito específicas. Destaca-se a cultura do trabalho que se mostra muito forte, a qual não pode ser simplesmente desconsiderada nessa construção coletiva entre incubadora e empreendimento.

O trabalho das incubadoras no Brasil, conforme menciona Costa (2018), possuem caráter político e pedagógico, pois tem como objetivo a melhoria das condições de vida dos seres humanos, a partir de tecnologias sociais apoiadas nas práticas de economia solidária (BORGES; SCHOLZ; ROSA, 2014).

De acordo com os autores Matarazzo e Boeira (2016), a incubação acaba criando um elo de assessoria e consultoria para as cooperativas, visto a dificuldade de tratamento das questões burocráticas. No entanto, para Nunes (2009), a essência dos projetos de incubação visa alcançar a emancipação dos atores envolvidos nos empreendimentos e potencializar práticas de educação cidadã e formal (quando possível) aos trabalhadores da economia solidária envolvidos. Já para Veronese (2016) as combinações do trabalho associado a processos de formação podem mudar mesmo que parcialmente a vida dos sujeitos.

A metodologia utilizada no desenvolvimento desta pesquisa é apresentada na próxima seção.

3. MÉTODO

Para a estruturação e desenvolvimento desta pesquisa, o método aplicado foi qualitativo e descritivo (BAUER; GASKELL, 2002). Para os autores, a pesquisa qualitativa é ideal para observar a efetividade de um programa ou plano, e também que o pesquisador tem como papel de observador neste



modelo de pesquisa e captar a perspectiva do fenômeno social pesquisado como um todo. Conforme Minayo (2000, p. 21), a pesquisa qualitativa trabalha com “o universo de significações, possibilitando aos participantes expressarem suas percepções e representações, valorizando o conteúdo apresentado pelos sujeitos”. A pesquisa qualitativa pressupõe que o pesquisador fará uma abordagem empírica de seu objeto, partindo de um marco teórico-metodológico preestabelecido

Para fins de contextualização do objeto de pesquisa, os processos de incubação foram desenvolvidos nos anos de 2018 e 2019 por uma equipe multidisciplinar (composta por 2 professores, 1 psicóloga e 3 bolsistas) e projeta a assessoria para cooperativas de catadores e catadoras de resíduos sólidos urbanos nos municípios de Canoas, Esteio e Sapucaia do Sul, RS.

Como procedimento técnico, a pesquisa possui um viés etnográfico (GEERTZ, 1973), levando em consideração a vivência dos profissionais e pesquisadores juntamente com os empreendimentos incubados, o que permite uma descrição densa da realidade em diários de campo, registrando os principais acontecimentos e contribuindo nos registros da memória coletiva.

O levantamento de dados foi elaborado por meio da construção do *corpus* documental da pesquisa, o qual inclui 14 entrevistas semiestruturadas com cooperados das 4 cooperativas de reciclagem incubadas e com membros da equipe da incubadora, além de 38 diários de campo elaborados no período entre 2018 e 2019.

A entrevista semiestruturada é uma técnica que leva ao mapeamento e ao entendimento do mundo dos entrevistados, possibilitando ao pesquisador realizar análises interpretativas para descrever as opiniões dos sujeitos da



pesquisa em termos mais conceituais e abstratos à luz das teorias utilizadas no estudo (BAUER; GASKELL, 2002).

Nas entrevistas semiestruturadas utilizam-se questões abertas, que dão liberdade de escolha de respostas para os entrevistados, e também permitem que o entrevistador possa interpretar a perspectiva dos entrevistados (BAUER; GASKELL, 2002). Complementando os instrumentos de coleta de dados, as observações diretas foram sistematizadas em diários de campo, a partir das vivências estabelecidas nos processos de incubação, levando em consideração a descrição dos fatos ocorridos e sistematizados para fins de análise posterior (BAUER; GASKELL, 2002).

A técnica da observação participante foi utilizada, que segundo Yin (2010), essa técnica proporciona oportunidades incomuns para a coleta de dados, sendo que a mais diferenciada está relacionada com a capacidade de obter acesso aos eventos e fenômenos sociais que emergem nas interações sociais pelo objeto de pesquisa. As observações geraram 38 diários de campos, os quais fazem parte o estudo etnográfico (GEERTZ, 1973).

Os dados coletados foram sistematizados e interpretados por meio da análise de conteúdo temática (BARDIN, 2011), que busca a compreensão dos conteúdos de comunicação emitidos e percebidos, no sentido de sistematizá-los para fins de análise qualitativa.

4. ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos dados se centra em apresentar informações referentes à memória dos sujeitos que participaram dos processos de incubação exercidos



pela equipe da Incubadora de Empreendimentos Solidários, no período de 2018 a 2019. Desta forma, aqui são apresentadas algumas informações pertinentes ao contexto do objeto em tela. Parte-se da necessidade de se compreender as práticas de incubação realizadas e que contribuíram ao desenvolvimento das cooperativas de catadores atendidas pela incubadora.

O fortalecimento a autogestão e as práticas de gestão compartilhada proposta pela incubadora compreende o desenvolvimento dos cooperado, uma vez que a autogestão para Borges, Scholz e Rosa (2014).se refere à capacidade que os trabalhadores e trabalhadoras apresentam para conseguir gerir com o máximo de eficiência, mesmo sem a presença de um especialista, aspectos evidenciados pelo Entrevistado 5:

[...] de extrema importância para nós a troca, via de mão dupla. Como nós catadores não temos o estudo, nós não somos qualificados, então nós temos a prática da coleta, não temos a prática de conversar, nós não temos a teoria, da parte técnica então somando essas duas coisas juntas com a Incubadora, veio a nos fortalecer, veio fortalecer a cooperativa.

Os dados evidenciam um crescimento, no sentido autogestionário (RIGO; FRANÇA FILHO, 2017) e um acento a respeito da troca entre cooperados e incubadora, o que está coerente com as práticas democráticas e autogestionárias de compartilhamento de ideias, troca de saberes acadêmicos e empíricos, além da adequação sociotécnica pertinente ao trabalho que as incubadoras universitárias desenvolvem em suas práticas de incubação (MATARAZZO; BOEIRA, 2016).

Além disso, é evidenciada a importância das interações sociais e sociabilidades entre os membros das cooperativas e da equipe da incubadora, como por exemplo, na fala do Entrevistado 9: “que eu lembro essas oficinas de



se relacionar, pode falar, perdeu-se esse medo de conversar”, onde aparece o aspecto da memória, em que há um resgate por parte do entrevistado à luz de suas experiências vivenciadas no coletivo de trabalho e a forma como ele atribui sentidos e significados do contexto social por meio de suas memórias (GUTIERREZ; BORGES, 2019).

Outras questões mais de habilidades práticas também foram evidenciadas pelo Entrevistado 1: “tivemos uma capacitação, a respeito de Gestão Financeira e Logística, então foi ali o pontapé inicial para abrir a mente, tanto a minha, quando das outras coordenadoras aqui da cooperativa”. Evidencia-se a relevância do trabalho exercido pela equipe da incubadora em referência à organização da gestão do empreendimento (OLIVEIRA; ADDOR; MAIA, 2018), no que compete aos aspectos financeiros e logísticos. Cabe aqui interpretar que não basta assessorar o empreendimento, mas sim, educar os trabalhadores para que este possam executar a administração da cooperativa de forma autônoma e independente, a partir dos seus aprendizados (BORGES; SCHOLZ; ROSA, 2014). Outrossim, se pode perceber a compreensão da memória coletiva na interação entre as coordenações, as quais atribuem sentidos à luz de seus registros de memória, tanto por parte das experiências vivenciadas, como pela compreensão da realidade (GONDAR, 2016). Por outro lado, se observa que o trabalho da incubadora acabou impactando no senso de identidade de cooperados, demonstrando que o processo foi além de simplesmente uma experiência vivida da memória coletiva (RUSSEL, 2006).

Contribuindo no processo analítico, a participação da incubadora foi essencial na socialização e formação sobre as práticas de gestão compartilhada, confrontando as práticas antigas, em caso como informa o Entrevistado 12:



[...] porque não era bom, no momento em que eu começo abrir a mentalidade dos meus cooperados de que eu tenho direito a ver quanto que deu à venda, ter direito a ver as contas, eu tenho direito a ver os gastos e as entradas e as saídas, então a coordenação anterior a minha, agia de muita má fé, então a incubadora foi uma peça fundamental no processo de construção, de reconstrução.

Cabe ressaltar que nessas práticas de acordo com Veronese, Gaiger e Ferrarini (2017, p. 91), falsas cooperativas "se valem do marco legal cooperativo para intermediar mão de obra a baixo custo, mantendo intacta a hierarquia da empresa e a divisão entre capital e trabalho", fugindo dos propósitos da cooperação livre e democrática. Há também a possibilidade de esclarecer dúvida presentes na memória coletiva (LIMA; RIGO; SANTOS, 2016) dos cooperados em cada cooperativa incubada, demonstrando que sim, existem fragilidades de compreensão sobre como se trabalha na economia solidária, que as relações são autogestionárias e o compromisso assumido é coletivo e não de uma única pessoa, presidente ou dono do empreendimento (OLIVEIRA; ADDOR; MAIA, 2018).

Em outro momento, a incubadora busca fortalecer os vínculos e a participação, a autogestão, a propriedade coletiva, o protagonismo dos próprios trabalhadores, em conformidade a Veronese, Gaiger e Ferrarini (2017), diferenciando-se de outras iniciativas econômicas. Segundo o Entrevistado 3: "foram nos ensinando, que a gente tinha direitos, que nós tínhamos deveres, mas, que nós tínhamos direitos". Aqui se aponta analiticamente a importância da assessoria da incubadora na formação cidadã dos cooperados, além de das responsabilidades de atuação no contexto da economia solidária, aqui no caso em um empreendimento de reciclagem (BORGES; SCHOLZ; CARGNIN, 2015).

Contribuindo no mesmo sentido, o Entrevistado 7 comenta "éramos donos, era uma associação cooperativa, que a gente elege que a gente tem o



poder de escolha”. Essa fala apresenta a memória social e a memória coletiva (GUTIERREZ; BORGES, 2019) à luz da compreensão sobre as experiências que o entrevistado demonstra ter sobre o trabalho na cooperativa. Todavia, há interferências e atravessamentos de usos de poder ou constrangimento, como relata o Entrevistado 11: “fico preocupado em como as coisas são decididas, às vezes, sem passar pelo grupo, sabe, isso me preocupa. Nem tudo a gente fica sabendo, mas vai melhorar”. Nota-se que ainda está presente no trabalho a influência do modelo formal de trabalho e das práticas de uso de poder e comando, muito frequentes nas empresas (RIGO; FRANÇA FILHO, 2017). Cabe aqui refletir os sentidos atribuídos pela memória coletiva do empreendimento para que se possam ser trabalhadas essas questões nos processos formativos e de assessoria feitos pelas incubadoras universitárias de cooperativas populares (PIRES, 2017).

Continuando a análise dos dados, para o Entrevistado 2 também foi significativa a contribuição da Incubadora nas práticas de gestão nas cooperativas: “falar mesmo sobre cooperativa e explicar e fazer entender que o negócio é de todos, mas não é porque é de todos que eu vou me atirar nas cordas, é cooperativismo essa é a verdade”. A autogestão (OLIVEIRA; ADDOR; MAIA, 2018) é presente na reflexão do trabalho desenvolvido pela equipe da incubadora, respeitando os tempos e processos de desenvolvimento dos grupos assessorados, com base na metodologia de incubação (MATARAZZO; BOEIRA, 2016).

Outro fator importante sobre as memórias das práticas de incubação exercidas é o que apresenta o diário de campo de 29 de junho de 2018:

A recepção que temos ao chegar na cooperativa é feita de forma calorosa e harmônica. O acolhimento recebido pelos cooperados e



cooperadas foi especial hoje: uma mesa posta com lanches e um delicioso café. Tudo isso foi surpresa para nós da incubadora. Hoje nosso foco foi tratar as relações interpessoais e a forma de comunicação existentes na cooperativa. A oficina ocorreu primeiramente, trabalhando situações de trabalho apresentados por eles, e depois, usamos a dramatização para representar como eles se comportam e depois refletir sobre as práticas, de forma dialógica. Ao final, traçamos coletivamente compromissos de respeito, empatia e comunicação que permitam o trabalho na reciclagem. E, tivemos o lanche no final, celebrando mais uma oficina de formação.

Evidencia-se no trecho do diário de campo que os aspectos pertinentes à memória coletiva são demonstrados, uma vez que a oficina remetia a situações do passado que estavam nos registros de memória coletiva dos cooperados, além de vivenciarem esses momentos por meio da dramatização no presente e refletindo sobre as suas memórias (CORREIA-LIMA; RIGO; SANTOS, 2016). Dessa forma, há a possibilidade de transformação e expansão da abrangência sobre a realidade do empreendimento econômico solidário com base nos processos formativos desenvolvidos pela assessoria da incubadora da Universidade La Salle.

Além disso, se verifica as dinâmicas que perpassam as relações sociais entre os sujeitos do empreendimento, haja vista suas afinidades e ruídos (PITA; LIMA; LIMA, 2015). A dinâmica social da vida cotidiana de um empreendimento econômico solidário é presente, pois demanda de comunicação e processos democráticos de participação (RIGO; FRANÇA FILHO, 2017). Desse modo, se percebe que o grupo possui afinidade com a equipe da incubadora, permitindo o fortalecimento de laços sociais entre ambos, garantindo confiança, comunicação e credibilidade. O fato de prepararem um lanche também demonstra laços sociais afetivos entre os sujeitos em interação, independentemente da instituição a qual pertencem, mas que compartilham do mesmo espaço e tempo, revivendo a memória coletiva (GUTIERREZ; BORGES, 2019). Esse aspecto não pode ser



visto de forma generalizada, mas sim, sistêmica sobre o fato social em análise neste contexto de interpretação do estudo.

Contribuindo neste entendimento sobre a participação e as interações sociais, o diário de campo do dia 28 de setembro de 2018, descreve:

Interessante destacar que a cada parceiro do empreendimento que era trazido pelos cooperados ou pela equipe da incubadora, se discutia a sua importância e relação, bem como a forma como são conduzidas as negociações. Paralelo a isso, a técnica da incubadora desenvolveu a importância de se estar preparado para participar de uma reunião de representação institucional, ou seja, quem for a uma reunião externa, deve levar informações básicas sobre a cooperativa (número de cooperados, valor da renda, preço dos materiais, volumes processados e a situação da coleta seletiva), bem como ter em mãos caderno e caneta para anotar as informações e socializar depois com o grupo. Os cooperados definiriam entre si quem seriam os responsáveis pela representação externa e que não fossem da coordenação. Foram indicadas e eleitas 6 pessoas.

Interpreta-se a importância da comunicação, representação e conhecimento sobre o trabalho das cooperativas para atuar no meio externo, ampliando as relações sociais e políticas de continuidade e parcerias do empreendimento econômico solidário (GAIGER; FERRARINI; VERONESE, 2018). Além disso, a democracia é evidente no diário de campo, uma vez que a participação e debate entre os cooperados e cooperadas sobre as ações e parcerias da cooperativa, demonstram que a comunicação existe e é registrada em memória social (LIMA; RIGO; SANTOS, 2016; HALBWACHS, 2013) sendo vivenciadas entre seus membros, fortalecendo os vínculos sociais. Sabe-se que na economia solidária as práticas de solidariedade e reciprocidade são de expressiva relevância (BORGES; SCHOLZ; ROSA, 2014), além de possibilitarem um acúmulo de experiências que favorecem a continuidade do trabalho e dos vínculos. E a memória coletiva (ABREU, 2016) dos cooperados



contribuem nos processos avaliativos sobre a continuidade – ou não – das relações com os parceiros, além de traçar estratégias de melhorias e descentralização das atividades, como o caso da eleição de novos representantes externos.

O crescimento do empreendimento cooperativo também traz reflexos para a vida dos cooperados, conforme Diário de Campo do dia 25 de maio de 2019, em que foi observado “o empenho em limpar a cozinha, após a refeição do almoço pelas cooperadas e a satisfação de outras em ajudar, proporcionando um dia mais leve e produtivo”. Essa observação está relacionada com a questão da construção de infraestrutura promovida com recursos de projetos da incubadora, pois a cooperativa em questão, não possuía espaço para alimentação antes de ser incubada: “[...] e as refeições eram realizadas no pátio de qualquer jeito” (ENTREVISTADA 2). Nessa perspectiva, se evidencia a compreensão de Matarazzo e Boeira (2016), os quais orientam que o processo de incubação se aproxima aos papéis de assessoria. No entanto, os mesmos autores salientam que o aspecto econômico não é o único fator levado em conta neste processo, pois em conformidade com Zanin e Gutierrez (2011), as incubadoras de empreendimentos solidários têm como objetivo a melhoria das condições de vida dos seres humanos, a partir de tecnologias sociais apoiadas nas práticas de economia solidária.

Em outro aspecto, de acordo com Nunes (2009), no processo de incubação a humanização é considerada a essência dos projetos, pois visa a emancipação dos atores envolvidos. E quanto a isso, a incubadora de empreendimentos solidários da Universidade La Salle, conseguiu deixar seu legado, conforme trecho abaixo.



Conseguiram ajudar aqui dentro, antigamente não tinha união, depois vocês [equipe da incubadora] começaram com muita reunião, porque um ajudar o outro não tinha. Um não entendia o problema do outro, se um não chegasse bem, ninguém percebia. Depois que vocês vieram, se um não chegasse bem, íamos perguntar o que estava acontecendo, o que houve que não está bem, hoje mudou bastante (ENTREVISTADO 5).

O trecho se respalda na resolução de problemas e empatia com o próximo, que está completamente ligada com a ideia de emancipação, pois os indivíduos passam a ter autogestão para atuar nos problemas, que de acordo com Pita, Lima e Lima (2015), essa educação visa o empoderamento das pessoas na vida social.

De forma oposta, as pesquisas devem apresentar resultados contraditórios aos defendidos pela equipe da incubadora, como apresenta a análise a seguir. Para compreender sobre as práticas de incubação, por meio da memória coletiva (ABREU, 2018), se destaca um trecho do Entrevistado 6, que reflete o sentimento coletivo de repulsa, e posteriormente, de reflexão positiva ao que se refere ao trabalho realizado pela incubadora:

As vezes quando se está muito cheio de serviço, ninguém gosta [quando a equipe da incubadora chega para fazer uma atividade com o grupo], porque a pessoa quer terminar o serviço para ir embora, porque está com muito material e quer fazer, então fica meio bravo. Mas depois que vem para reunião entra no embalo e já esqueceu (ENTREVISTADO 6).

Percebe-se que a atuação da incubadora impacta de alguma maneira na dinâmica do trabalho, podendo ser interpretada de duas formas: por um lado como um “atraso” no trabalho da reciclagem, uma vez que há uma parada na produção para poder desenvolver a formação proposta e construída com a cooperativa (MOURA, 2014). Por outro lado, como um “aprendizado”, pois nas



oficinas e nos encontros entre a equipe da incubadora e os cooperativados, há práticas de formação sendo desenvolvidas e que, de forma gradual e não linear (VERONESE, 2016), impactam no desenvolvimento do trabalho e na formação pessoal e profissional (de forma distinta) em cada um dos sujeitos envolvidos (PIRES, 2017). Complementa-se esse raciocínio com base no trecho de entrevista a seguir:

Para nós foi bom que a gente foi aprendendo de maneira de que nós tínhamos Leis, que não só tínhamos a ganhar, que antes de entrar nós nunca presidimos alguém, não sabia sobre votos, era outra turma de pessoas que tinha aqui, aí éramos donos era uma associação cooperativa, que a gente elege que a gente tem o poder de escolha, aí a gente foi indo, começou as leis a gente começou a aprender devagarinho, então a gente foi atrás dos recursos (ENTREVISTADO 1).

A evidência nos denota que a memória social (LIMA, RIGO, SANTOS, 2016) vai sendo construída de maneira específica para cada grupo e sociedade em um determinado contexto e período e requer escolhas, como quando os cooperativados se perceberam donos de uma associação cooperativa com várias demandas onde perceberam que precisavam aprender como lidar, ou seja, tinham que fazer escolhas (GONDAR, 2016) que acabaram impactando em sua memória social de maneira dinâmica, mutável e seletiva (RODRIGUES, 2017).

Frente aos dados coletados e análise dos mesmos percebeu-se que a Incubadora de Empreendimentos Solidários da Universidade La Salle, cumpriu sua função no papel de organizar e desenvolver os grupos, ao encontro a Matarazzo e Boeira (2016) não somente no aspecto econômico, mas também nas representações sociais, legitimando as práticas autogestionárias e a gestão compartilhada (BORGES; SCHOLZ; CARGNIN, 2015), mesmo havendo



percepções contrárias, as quais respeitamos e compreendemos no processo participativo, democrático e autogestionário, em que os pontos de vistas devem ser respeitados.

Da seção a seguir, os resultados do artigo são apresentados.

5. RESULTADOS ALCANÇADOS

Este estudo contribuiu no entendimento das práticas sociais na incubação de empreendimentos solidários, tendo como perspectiva a memória coletiva dos catadores das cooperativas incubada, conforme o objeto empírico apresentado. O estudo evidencia que houve fortalecimento da economia solidária e da autogestão nos empreendimentos incubados, bem como as práticas aplicadas pela incubadora, levando em consideração os registros de memória coletiva. Assim, com base nos dados coletados e analisados, se pode perceber que a Incubadora cumpriu seu papel no fortalecimento das cooperativas incubadas e na formação dos cooperados. Outra importante contribuição que o estudo apresenta é que a incubadora impactou positivamente na construção da memória coletiva de cada empreendimento, uma vez que evidências de mudanças na identidade apareceram quando os cooperados conseguiram elaborar e expor suas ideias em grupo, bem como aprender a utilizar as ferramentas de gestão.

A incubadora não só fortaleceu juridicamente os empreendimentos na transição da documentação das cooperativas junto a legislação pertinente que compete às cooperativas de reciclagem de resíduos sólidos urbanos, mas sobretudo no desenvolvimento dos cooperados ao que tange princípios da



economia solidária, dentre estes a autogestão, cooperação e desenvolvimento humano.

Nesta perspectiva, para que a autogestão seja exercida pelos cooperados, a incubadora buscou trabalhar os princípios do cooperativismo, no sentido de observação dos direitos dos mesmos, como exemplo, o voto, ao processo participativo e o protagonismo dos mesmos, ao mesmo tempo aos deveres no que tange responsabilidades nas decisões, controles e rumos de um empreendimento, em um contexto de gestão coletiva e democrática. Outrossim, a interação social oportunizou a modificação da memória coletiva dos cooperados, dos integrantes da equipe da incubadora, bem como a identidade.

Na perspectiva da memória coletiva, surge o entendimento de que nas relações sociais estabelecidas entre a incubadora e os coletivos incubados, emergem situações das mais variadas ordens, sejam no campo político, econômico, social e cultural, como é o caso dos registros sobre a efetividade das dinâmicas de grupo realizadas, as conversas e assessorias realizadas, bem como a forma como o diálogo se estabelecia, favorecendo a comunicação e cidadania. Assim, os resultados mostram o quanto a atuação de uma incubadora universitária de empreendimentos solidários pode ampliar as relações com os incubados e influenciar na identidade e memória coletiva, provendo melhores práticas de autogestão, solidariedade, valorização dos saberes populares e as trocas de experiências, também gerando modificações na equipe da incubadora nesta relação.

Importante destacar que à luz da memória na economia solidária, a pesquisa aponta que a memória pode ser entendida como uma construção, ela prescinde de temáticas, valores, marcos, interações, sentimentos para se materializar. Inferindo sobre a economia solidária, essa também está em



construção, seja pelas suas experiências, formatos organizativos, campos de atuação, interações sociais e políticas públicas. Portanto, a memória coletiva que emerge dos trabalhadores da economia solidária no presente promove mudanças nos e pelos cooperados na dinâmica das relações interpessoais e concretas atribuídas ao trabalho por eles desempenhados com base nos registros do passado vivenciados, transformando-os. Como é caso do empoderamento dos sujeitos que antes não tinham coragem de se manifestar e que com as práticas da economia solidária, se posicionam e constroem coletivamente o empreendimento, com respeito, ética e empatia nas relações sociais.

Sobre a atuação da incubadora, se percebe a importância do trabalho realizado pela equipe aos empreendimentos incubados, jogando luzes à importância de ações que implicam no desenvolvimento da extensão universitária como produtora de transformação social. Dessa forma, as sistematizações das ações desenvolvidas contribuem para a memória social, disseminação do conhecimento e a possibilidade da geração de tecnologias sociais no contexto da economia solidária.

Referências

ABREU, R. Memória social: itinerários poéticos-conceituais. **Morpheus:** Revista de estudos interdisciplinares em memória social, Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, p. 41-66, 2016. Disponível em: http://www.memoriasocial.pro.br/painel/pdf/publ_19.pdf. Acesso em: 22 ago. 2018.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BAUER, M; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2002.



BORGES, M. L.; SCHOLZ, R. H.; ROSA, G. Produção de sentido do trabalho para recicladores por meio da resignificação da identidade, aprendizagem e superação. In. SCHOLZ, R. H. **Economia Solidária e Incubação: uma construção coletiva de saberes**. São Leopoldo: Editora Oikos, 2014, p. 60- 82.

BORGES, M. L.; SCHOLZ, R. H.; CARGNIN, T. D. M. Estratégia-como-prática na economia solidária: resultados e ações de catadores de uma cooperativa. **Desenvolvimento em Questão**. v. 13, n. 31, p. 108-142, jul/set. 2015.

Disponível em:

<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/desenvolvimentoemquestao/article/view/2922>. Acesso em: 18 out. 2015.

BRAND, F. C. O empreendedorismo em uma dimensão de economia solidária: uma revisão teórica. **Desenvolve: Revista de Gestão do Unilasalle, Canoas**, v. 5, n. 1, p. 153-174, mar. 2016. DOI <http://dx.doi.org/10.18316/2316-5537.16.19>. Disponível em:

<http://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/desenvolve/article/view/2316-5537.16.19/pdf>. Acesso em: 03 abr. 2019.

CORREIA-LIMA, B. C.; RIGO, A. S; SANTOS, M. E. P. Memória organizacional e construção de identidade local: uma análise da mobilização e organização social no Conjunto Palmeira. **Administração Pública e Gestão Social**, v. 8, n. 4, p. 235-246. 2016. Disponível em:

<http://www.spell.org.br/documentos/ver/43281/memoria-organizacional-e-construcao-de-identidade-local--uma-analise-da-mobilizacao-e-organizacao-social-no-conjunto-palmeira>. Acesso em: 10 set. 2018.

COSTA, A. P. B. **Processo de incubação em economia solidária à luz de preceitos de autogestão**: experiências de estudantes de graduação da OASIS/UFRN. 2018. 75f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018. Disponível em:

<https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/25771>. Acesso em 05 abr. 2019.

FERRARINI, A. V. *et al.* Empreendimento econômico solidário e empresa social: ampliando abordagens e integrando conceitos no diálogo Norte-Sul. **Polis**, Santiago, v. 17, n. 49, p. 299-322, mai. 2018. DOI



<http://dx.doi.org/10.4067/S0718-65682018000100299>. Disponível em:
https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-65682018000100299&lng=en&nrm=iso&tlng=en. Acesso 03 abr. 2019.

GAIGER, L. I. G. A Economia Solidária na Contramarcha da Pobreza. **Sociologia, Problemas e Práticas**, n. 79, 2015, p. 43-63. Disponível em:
<http://www.scielo.mec.pt/pdf/spp/n79/n79a03.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2019.

GAIGER, L. I. G.; FERRARINI, A. V.; VERONESE, M. V. O Conceito de Empreendimento Econômico Solidário: Por uma Abordagem Gradualista. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 61, n. 1, p. 137-169, mar. 2018. DOI
<http://dx.doi.org/10.1590/001152582018149>. Disponível em:
https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582018000100137&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 03 abr. 2019.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

GONDAR, J. Cinco proposições sobre memória social. **Morpheus: revista de estudos interdisciplinares em memória social**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, 2016. Disponível em:
<http://www.seer.unirio.br/index.php/morpheus/article/viewFile/5475/4929>. Acesso em: 03 abr. 2019.

GROSS, A. **Memórias institucionais da reciclagem de resíduos pós-consumo em duas cooperativas da economia solidária**. - Centro Universitário La Salle, Canoas, 2016. Disponível em:
http://https://biblioteca.unilasalle.edu.br/docs_online/tcc/mestrado/memoria_social_e_bens_culturais/2016/agross.pdf. Acesso em: 03 abr. 2019.

GUTIERREZ, A. L. P.; BORGES, M. L. Memória coletiva, práticas identitárias e etnometodologia na economia solidária. **Contribuciones a las Ciencias Sociales**, julio, 2019. Disponível em:
<https://www.eumed.net/rev/cccss/2019/07/economia-solidaria.html>. Acesso em: 01 dez. 2019.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.



KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 1997.

LIMA, B. C. C.; RIGO, A. S.; SANTOS, M. E. P. Memória organizacional e construção de identidade local: uma análise da mobilização e organização social no Conjunto Palmeira. **APGS - Administração Pública e Gestão Social**, Viçosa, v. 8, n. 4, p. 235-246, 2016. DOI: 10.21118/apgs.v1i4.1079. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/43281/memoria-organizacional-e-construcao-de-identidade-local--uma-analise-da-mobilizacao-e-organizacao-social-no-conjunto-palmeira>. Acesso em: 03 abr. 2020.

MATARAZZO, G.; BOEIRA, S. L. Incubação de cooperativas populares: representações sociais e tensões entre racionalidades. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 14, n. 1, p. 207-227, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3232/323244399012.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2018.

MINAYO, M.C.S. **O Desafio do conhecimento, pesquisa qualitativa em saúde**. Rio de Janeiro: Hucitec/ABRASCO, 2000.

MOURA, E. P. G. de. O que estamos fazendo quando incubamos? In: SCHOLZ, R. H. (org.). **Economia solidária e Incubação**: uma construção coletiva de saberes. 1. ed. São Leopoldo: Oikos, 2014. p. 9-24.

NUNES, D. **Incubação de empreendimentos de economia solidária**: uma aplicação da pedagogia da participação. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2009.

OLIVEIRA, T. C. S.; ADDOR, F.; MAIA, L. As incubadoras tecnológicas de economia solidária como espaço de desenvolvimento de tecnologias e inovações sociais. **Revista Tecnologia e Sociedade**, Curitiba, v. 14, n. 32, p. 38-59, Ed. Especial. 2018. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/7855/5074>. Acesso em: 01 ago. 2018.

PIRES, S. D. Empreendimento, comunidade e território: três objetos de incubação em economia solidária. **Realização**, v. 4, n. 8, p. 46-66, 2017. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/realizacao/article/view/6883>. Acesso em: 10 ago. 2018.



PITA, F.; LIMA, J. R. O; LIMA, C. E. S. Normatizando solidariedade: experiência de construção coletiva de regras de uma cooperativa informal de Economia Solidária. **A Outra Economia**, São Leopoldo, v. 9, n. 16, p. 69-78, 2015. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/otraeconomia/article/view/otra.2015.916.05/4672>. Acesso em: 16 nov. 2018.

RIGO, A. S.; FRANÇA FILHO, G. C. O paradoxo das Palmas: análise do (des)uso da moeda social no “bairro da economia solidária”. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 15, n. 1, p. 169-193, 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3232/323250132011.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2018.

RODRIGUES, D. Patrimônio Cultural, Memória Social e Identidade: Interconexões entre os conceitos. **Revista Letras Escreve**, Macapá, v. 7, n. 4, p. 337-361, 2017. DOI: 10.18468/letras. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/index.php/letras/article/view/4071/pdf>. Acesso em: 07 out. 2019.

RUSSELL, N. Memory before and after Halbwachs. **The French Review**, v. 79, n. 4, mar. 2006, p. 792- 804.

VERONESE, M. V. Associativismo entre catadores de material reciclável urbano. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**. São Carlos, v. 6, n. 1, p. 213-236, jan-jun. 2016. Disponível em: <http://doi.editoracubo.com.br/10.4322/2316-1329.002>. Acesso em: 05 ago. 2018.

VERONESE, M. V.; GAIGER, L. I. G.; FERRARINI, A. V. Sobre a diversidade de formatos e atores sociais no campo da economia solidária. **Cadernos CRH**, Salvador, v. 30, n. 79, p. 89-104, abr. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792017000100089&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 16 nov. 2018.

YIN, R. K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. 2.ed. Porto Alegre: Boockman, 2001.

ZANIN, M.; GUTIERREZ, R. F. **Cooperativas de Catadores: Reflexões sobre Práticas**. 1. ed. São Carlos: Claraluz, 2011.